

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**MÁRCIA DE OLIVEIRA ESTRÁZULAS**

**A COMUNIDADE ESPIRITUAL “FIGUEIRA”: A INFLUÊNCIA DE TRIGUEIRINHO  
SOBRE O “EU” (*SELF*) DE SEUS SEGUIDORES**

Porto Alegre  
2007

**MÁRCIA DE OLIVEIRA ESTRÁZULAS**

**A COMUNIDADE ESPIRITUAL “FIGUEIRA”: A INFLUÊNCIA DE TRIGUEIRINHO  
SOBRE O “EU” (*SELF*) DE SEUS SEGUIDORES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, pelo Programa de Mestrado em Ciências Sociais, área de concentração “Organizações e Sociedade”, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Léo Peixoto Rodrigues

Porto Alegre  
2007

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. Roberto Ramos, professor do Doutorado da Faculdade de Comunicação Social - PUCRS (Famecos-PUCRS), que me recomendou ao Mestrado de Ciências Sociais – PUCRS;

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Merli Leal Silva, professora coordenadora do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Metodista – IPA, da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e do PGCOM-PUCRS, que me incentivou a fazer o mestrado e me indicou ao PGCS-PUCRS;

Ao Prof. Me. Eduardo Pedro Corsetti, professor de Ciências Políticas da UFRGS, que me recomendou ao PGCS;

Ao Prof. Dr. Glênio Nicola Povoas, professor da Famecos, pela cópia do filme de Trigueirinho “Bahia de todos os Santos” (1960) e pelas cópias da revista “Anhembí” de crítica de cinema editada pela USP;

Ao Prof. Dr. Hélio R.S. Silva, professor convidado do PGCS, por ter despertado em mim a admiração por Erving Goffman e pelo interacionismo simbólico, além de suas ricas orientações extra-oficiais;

Ao Prof. Dr. João Luís Medeiros, ex-professor convidado do PGCS, pelo incentivo, consideração e orientações;

Ao Prof. Dr. Ricardo Mariano, professor permanente do PGCS, excelente ouvidor, mediador e coordenador;

Ao Prof. Dr. Édson Gastaldo, professor do PGCS–UNISINOS, pelas orientações e por seu parecer sobre as alterações requeridas pela Banca, mesmo sem termos nos conhecido pessoalmente;

Agradeço ao ex-colega, ex-vice reitor da UNISC, Me. Marcos Moura Batista dos Santos, atual Coordenador do Departamento de Antropologia da UNISC, por seu parecer sobre as alterações requeridas pela Banca;

Agradeço ao ex-colega, Me. João Paulo Cunha, professor de política da graduação da UFRGS, por seu parecer das alterações sugeridas pela Banca;

À professora Dra. M<sup>a</sup> Suzana Arroza Soares, professora do PGCS-UFRGS, pelo seu parecer e consultoria em relação as alterações sugeridas pela Banca;

Ao Prof. Me. Celso Dias, professor da FACCAT, pela orientação providencial e apoio emocional;

À Prof<sup>a</sup>. Me. Ivone Bengochea, professora da Faculdade São Judas Tadeu, por sua ajuda metodológica e didática na apresentação oral;

Ao Prof. Dr. José Rogério Lopes, professor do PGCS-UNISINOS, pela disposição em contribuir, mesmo sem nos conhecermos pessoalmente até o momento da Banca. Ele é um mestre que não só transmite conhecimento, mas ensina pelo próprio exemplo. Esta é a verdadeira maestria, uma vocação que me re-encantou pelo ofício do educador;

Agradeço ao Professor Dr. Léo Peixoto Rodrigues, pela sua re-orientação em relação as alterações sugeridas pela Banca;

Ao tempo, o melhor dos mestres, senhor da razão e da justiça;

AO MEU MESTRE, MESTRE DOS MESTRES, MESTRE DOS ANJOS E DOS HOMENS.

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo estudar “Figueira”, uma comunidade fechada, onde residem aproximadamente trezentas pessoas. A principal meta dessa instituição é ser uma escola de formação e instrução espiritual. “Figueira” localiza-se nas áreas rural e urbana da cidade de Carmo da Cachoeira, Estado de Minas Gerais. Foi fundada em 1987 pelo ex-cineasta do período Cinema Novo, José Hipólito Trigueirinho Netto, mais conhecido por Trigueirinho. Ele escreveu dezenas de livros com profecias do fim do mundo e sobre o resgate da terra com ajuda de extraterrestres. A grande predição de Trigueirinho trata da operação resgate da raça humana, que salvará o seu grupo do fim do mundo. Para os membros da comunidade serem resgatáveis precisam mudar o comportamento, o que implica sujeitar-se a uma purificação até chegar à santidade, à perfeição moral do ser humano. A possibilidade de resgate é um incentivo à mudança de padrão de personalidade. A finalidade é torná-los humildes, sem liberdade de escolha, sem livre-arbítrio para acatar ordens e funções alheias à natureza deles, assim podendo atender aos objetivos coletivos de “Figueira”. Trigueirinho reuniu seguidores. As relações dele com seus guiados estão estreitamente ligadas as suas qualidades proféticas. Grupos de pessoas internas e externas de “Figueira” cumprem suas normas, seguem regras quotidianas e trabalham em atividades gratuitas e voluntárias. A fim de tornar os seres humanos que transitam por “Figueira” resgatáveis há também redes de serviço no Brasil e no mundo. O perfil desses colaboradores assemelha-se ao dos estigmatizados, divergentes, *outsiders*, liminares, retraídos, marginais, deslocados, rebeldes, perdidos, desenraizados, minorias, artistas, etc.

Com o objetivo de contextualizar, compreender e explicar a comunidade “Figueira”, o referencial teórico e metodológico utilizado é o interacionismo simbólico. Este estudo sobre o mundo dos atores sociais, denominados hóspedes e/ou visitantes itinerantes de “Figueira”, tem como um dos seus interesses principais fornecer uma versão sociológica do “eu” (*self*) em interação neste ambiente. Enfocamos o mundo do ator social não-internado, isto é, os hóspedes e/ou visitantes itinerantes que se hospedam em “Figueira”. Apresentamo-nos como colaboradores e ficamos hospedados. Colocamos-nos no próprio espaço das interações para observar participativamente como a integração faz a vida social naquele espaço. Procuramos nos integrar à vida cotidiana e não chamar a atenção. Não pudemos usar gravadores, filmadoras nem fotografar. Estes equipamentos são proibidos no local. Tampouco foram feitos questionários. Não pesquisamos as características macrossociológicas. Não levamos em conta o tempo e a história. Procuramos examinar as ações e relações impessoais. Foram seis observações participantes no campo da pesquisa. O estudo foi feito buscando compreender os atores sociais denominados hóspedes e/ou visitantes itinerantes que permanecem temporariamente e que, ao interagirem com os residentes ou internos, sejam auxiliares ou coordenadores, entram em conflito em função da sujeição hierárquica. Isto gera um clima de tensão permanente, pois as disciplinas, normas, regras e tarefas impostas pelo grupo de “Figueira”, liderado por Trigueirinho, interferem no

“eu” (*self*) ou personalidade deles. Buscamos, também na obra de Goffman, trazer à luz a relevância sociológica das pesquisas das instituições totais, porque condicionam os atores sociais. Regras e normas estipulam, modelam, determinam o comportamento e o que devem pensar coletivamente em virtude de pertencerem ou não àquele grupo específico. Nossa hipótese é que “Figueira” possa ser classificada, parcialmente, como uma instituição total por possuir muitas características semelhantes a esse fenômeno. O mais importante é a percepção da sua influência sobre o “eu” (*self*), sobre o comportamento, o pensamento e até os sentimentos dos que estão ligados a ela direta ou indiretamente.

**Palavras-chaves:** Instituição total; Interação face a face; Interacionismo simbólico.

## RESUMEN

La presente investigación tuvo como objetivo estudiar “Figueira”, una comunidad cerrada, donde viven cerca de trescientas personas, teniendo como meta principal ser una escuela de formación e instrucción espiritual. “Figueira” está ubicada en el área rural y urbana de la ciudad Carmo da Cachoeira, Estado de Minas Gerais. Fue fundada en 1987, por el ex-cineasta del período Cinema Novo, José Hipólito Trigueirinho Netto, más conocido por Trigueirinho, que escribió decenas de libros con profecías del fin del mundo y el rescate de la tierra con ayuda de extraterrestres. La gran profecía de Trigueirinho habla sobre la operación rescate de la raza humana, la cual salvará su grupo del ‘fin del mundo’, pero para que estas personas puedan ser rescatadas necesitan pasar por un cambio de comportamiento, y para que eso ocurra es necesario sujetarse a una purificación hasta llegar a la santidad, a la perfección moral del ser humano. Ese rescate y cambio de patrón de personalidad tienen la finalidad de hacerlos humildes, sin libertad de elección, sin libre albedrío, para que acaten ordenes y funciones ajenas a su naturaleza individual, para así poder atender los objetivos colectivos de “Figueira”. Las relaciones del Trigueirinho con el grupo que guía están estrechamente unidas a sus calidades proféticas. De ese modo, Trigueirinho unió un grupo de seguidores, logra hacer que grupos de personas internas y externas de “Figueira” cumplan sus normas, reglas cotidianas y trabajen en actividades gratuitas y voluntarias, con el fin colectivo último de transformación de los seres humanos rescatables que transitan por “Figueira”, ellos son los colaboradores externos o itinerantes que forman parte de las Cadenas de Servicios en Brasil y en el mundo. El perfil de estos colaboradores es semejante al de los estigmatizados divergentes, *outsiders*, liminares, recogidos, marginales, desplazados, rebeldes, perdidos, desarraigados, minorías, artistas, etc. Con el objetivo de contextualizar, comprender y explicar la comunidad “Figueira” utilizamos, como referencial teórico y metodológico, el “Interaccionismo Simbólico”. Este estudio de la comunidad “Figueira”, particularmente, el mundo de los actores sociales, denominados por nosotros como huéspedes y/o visitantes itinerantes de la comunidad “Figueira”, tiene entonces como uno de sus intereses principales, procurar la mayor aproximación posible con una versión sociológica del “yo” (*self*) en interacción, destacamos en esta investigación, el mundo del actor social no internado, de los huéspedes y/o visitantes itinerantes que son huéspedes en “Figueira”. Nos presentamos como colaboradores y quedamos como huéspedes en “Figueira”. Nos colocamos en el propio espacio de las interacciones para hacer una observación participante en las interacciones, para observar como la integración hace la vida social en “Figueira”. Buscamos integrarnos a la vida cotidiana de “Figueira” para poder observar, sin llamar la atención sobre nosotros. Por eso no pudimos utilizar grabadores, filmadoras, ni fotografías, se prohíbe estos instrumentos en “Figueira”. También no hicimos cuestionarios. Utilizamos la técnica de observación participante de las interacciones ocurridas en la comunidad “Figueira”. No investigamos las características macro sociológicas de la comunidad “Figueira”, no, no consideramos el tiempo, la historia, buscamos examinar las interacciones más interpersonales que pueden ocurrir en la comunidad por divergencia entre

relaciones de poder. Utilizamos el método de investigación creado por Goffman, para observar de forma participativa las interacciones. Fueron seis observaciones participantes en el campo de investigación, la cual fue hecha buscando la comprensión presentada por los actores sociales denominados de huéspedes y/o visitantes itinerantes, los cuales viven, temporalmente, en "Figueira" y que al relacionarse con los actores sociales denominados residentes o internos, como auxiliares o coordinadores, entran en conflicto en función de la sujeción jerárquica generando un clima de tensión permanente por la interferencia al su "yo" (*self*) o personalidad, debido a las disciplinas, normas, reglas y tareas impuesta por el grupo de "Figueira", a su vez, liderados por Trigueirinho. Buscamos, también en la obra de Goffman traer a la luz la relevancia sociológica de las investigaciones de las Instituciones Totales, porque son locales de condicionamiento de los actores sociales, donde reglas y normas de interacción social estipulan, modelan, condicionan, determinan el comportamiento interaccional de aquellos que pertenecen al grupo en interacción. Hay un interés sociológico en las investigaciones sobre Instituciones Sociales, porque en estos espacios, las reglas y normas condicionan como los actores sociales deben pensar, comportarse e interaccionar colectivamente, en virtud de hacer parte o no de aquel grupo específico. Nuestra hipótesis es que "Figueira" pueda ser clasificada, parcialmente, como una Institución Total por poseer muchas características semejantes a las de Instituciones Totales, pero, lo más importante es la percepción de su influencia sobre el 'yo' (*self*), sobre el comportamiento, el pensamiento y incluso los sentimientos de los que están unidos a ella directa o indirectamente.

**Palabras Clave:** Institución total; Interacción cara a cara; Interaccionismo simbólico

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>7</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>8</b>
<b>RESUMEN .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 2 - A COMUNIDADE “FIGUEIRA” .....</b>	<b>31</b>
2.1 A COMUNIDADE “FIGUEIRA” E ASPECTOS DA TRAJETÓRIA DO SEU LÍDER .....	33
2.1.1 A Fundação da Comunidade “Nazaré” .....	37
2.2 A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DE “FIGUEIRA”, ASPECTOS LOGÍSTICOS, MATERIAIS, ETC.....	39
2.2.1 Estrutura Física: Sede, Casas, Setores, Monastérios, Redes de Serviço no Brasil e no Exterior.....	43
2.2.2 Organização Administrativa, Hierarquia, Categoria de Membros, Atividades, etc. ....	47
2.2.3 Forma de Subsistência, Trabalho Voluntário e Gratuito.....	50
2.3 CULTURA ESPIRITUAL DE “FIGUEIRA” .....	52
2.4 CONCLUSÃO .....	57
<b>CAPÍTULO 3 - ERVING GOFFMAN - O INTERACIONISMO SIMBÓLICO COMO MARCO PARA A ANÁLISE DOS RITOS DA INSTITUIÇÃO E DOS RITOS DA INTERAÇÃO .....</b>	<b>58</b>
3.1 ERVING GOFFMAN - UMA VIDA MESCLADA COM SUA VISÃO TEÓRICA...60	
3.2 INTERAÇÃO SOCIAL.....	70
3.2.1 A persuasão entre atores sociais.....	74
3.2.2 Instituições Totais .....	77
3.2.3 Comunidade desviante .....	86
<b>CAPÍTULO 4 - MÉTODO DE GOFFMAN E SUA APLICAÇÃO NA INTERAÇÃO SOCIAL DE “FIGUEIRA” .....</b>	<b>89</b>
4.1 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	90
4.2 A PESQUISA DE CAMPO SEGUNDO O MÉTODO DE GOFFMAN.....	93
4.3 CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS RITOS DA INSTITUIÇÃO DIMENSIONADAS COMO CATEGORIAS ABSORVENTES.....	96
4.3.1 Anotações das observações de campo dos ritos da instituição já categorizadas.....	98
4.4 CATEGORIAS SOBRE OS RITOS DE INTERAÇÃO DIMENSIONADAS COMO CATEGORIAS CONVERGENTES .....	113

<b>4.4.1 Roteiro dramático de uma instituição total .....</b>	<b>115</b>
<b>4.4.2 Conclusão .....</b>	<b>124</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>125</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>133</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>137</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo apresentar o estudo da comunidade “Figueira”. Para tanto foram organizados cinco capítulos. A introdução é o primeiro.

No segundo há o histórico de “Figueira”. Traçamos a trajetória pessoal do fundador da comunidade, trazendo à luz alguns dados da sua biografia, sua formação de diretor de cinema no Brasil e no exterior, seus trabalhos e obras na área, seus sucessos e fracassos profissionais até a desistência da carreira de cineasta e a posterior fundação da comunidade “Nazaré”, de onde foi excluído pelo próprio grupo devido à sua forma de administrá-la. Após sair da “Nazaré”, Trigueirinho funda a comunidade “Figueira”, uma organização ainda mais fechada que a “Nazaré”. Concomitantemente à administração de “Figueira”, Trigueirinho escreveu dezenas de livros com profecias do fim do mundo e o resgate da terra com ajuda de extraterrestres. Hoje vive isolado.

Depois, apresentamos a comunidade “Figueira”, propriamente dita, sua localização geográfica, o número aproximado de residentes, objetivo principal, extensão territorial, sua fauna e flora, um panorama geral das atividades cotidianas e os perfis das pessoas que podem participar das rotinas e tarefas.

A estrutura física da comunidade, a utilização do espaço geográfico tem relação com a organização espiritual e hierárquica. A organização hierárquica segue o modelo de pirâmide. O líder vitalício Trigueirinho fica no topo (o profetismo tornou-se sua forma de ascendência), os grupos externos e itinerantes na base e, intermediando ambos, os coordenadores mais próximos do líder.

Descrevemos a sede, as atividades e funções das casas na área urbana, dos setores e monastérios nas áreas rurais e dos grupos itinerantes do Brasil e exterior que se hospedam e participam das atividades da comunidade “Figueira”.

A divisão de trabalho, de tarefas e de atividades, descrita neste trabalho, é consequência do desenvolvimento da organização. Uma característica a se destacar

são os conflitos decorrentes do choque de valores do grupo de residentes internos e do grupo externo itinerante. Outro fator que desencadeia divergências é o interesse do grupo estar acima das individualidades. Também o modo como as tarefas devem ser executadas e o tempo de duração das mesmas são previstos pelo grupo de coordenadores internos, sem espaço para criatividade, liberdade de escolha e livre-arbítrio, aos grupos de externos itinerantes.

Também apresentamos as formas de subsistência da comunidade: produção agrícola para subsistência; troca do excedente; doações de alimentos, remédios, equipamentos, roupas, dinheiro, etc.; mão-de-obra voluntária e gratuita; venda de livros, fitas k-7, cds, fitas de vídeo (VHS).

Descrevemos a cultura espiritual de “Figueira”, o eremitério, onde vivem os eremitas em reclusão; seus monastérios femininos e masculinos, reclusos e semi-reclusos; as regras, normas, disciplinas e hábitos advindos da atividade espiritual; a formação ou requisitos dos monges, oblatos, zeladores, sacerdotes, seres-espelhos, residentes, aspirantes e instrutores são outras peculiaridades aqui esclarecidas.

Estivemos pessoalmente em “Figueira”, e constatamos que lá residem mais ou menos trezentas pessoas. Sua base é a vida grupal, há pessoas de todas as idades e nacionalidades com diferentes vivências. “Figueira” tem como principal objetivo ser uma escola de formação e instrução espiritual. Como um centro espiritual, cultiva o serviço e a vida espiritual.

As terras de “Figueira” localizam-se na cidade de Carmo da Cachoeira, interior de Minas Gerais, região sudeste do Brasil. Sua área geográfica é, atualmente, uma fazenda de uns cem hectares. “Figueira” possui fauna e flora abundantes, plantações para subsistência, casas para alojamento dos visitantes, bibliotecas para estudo, locais para curas alternativas, laboratórios artesanais e oficinas de trabalho, obras e manutenção. Os alojamentos são simples, tanto nas casas da cidade, quanto nas da fazenda, e são distribuídos aos visitantes pela secretaria geral conforme a disponibilidade e necessidades das tarefas internas.

Não era e não é permitido, no período em que nos hospedamos ali, chamadas telefônicas e contatos externos considerados desnecessários por parte da administração. Não são permitidos telefones celulares, filmadoras, máquinas

fotográficas ou gravadores. Os residentes optaram pelo celibato. Os hóspedes ou visitantes são obrigados a assumir essa condição enquanto permanecem no local. Enquanto os visitantes estão ocupando os quartos, são proibidas visitas ao recinto íntimo. Em “Figueira” não se estimulam intimidades e vínculos emocionais.

O alimento é disponibilizado, de acordo com as estações do tempo, é plantado em “Figueira” organicamente e sem agrotóxicos. Os frutos da terra não são comercializados e nenhum dos voluntários que participam dessas tarefas é remunerado. As refeições são vegetarianas e integrais, sem laticínios, açúcar refinado, sal, alho, cebola, temperos, café, bebidas alcoólicas ou refrigerantes. Não são usadas bebidas alcoólicas, drogas ou fumo.

Os que se hospedam em “Figueira” devem levar roupas simples para trabalhos, agasalhos para trabalhos noturnos ou matinais, relógio para cumprir a agenda de tarefas, despertador para acordar cedo, lanterna para trabalhos noturnos e para falta de luz e demais objetos pessoais. O vestuário deve ser discreto.

As tarefas compõem-se de limpeza de casa, preparo de alimentos, desidratação de legumes e frutas, trabalhos na padaria, lavanderia, marcenaria e manutenção, horticultura, jardinagem, plantios e colheitas em geral. Mutirões para aberturas de estradas, radioamadorismo para contatos de emergência, apicultura, edição e difusão de livros, folhetos, boletins e gravações, recepção de hóspedes, além de atendimento a pessoas necessitadas.

Todas as atividades são grupais, os estudos e as tarefas são desenvolvidos nas áreas de trabalho. Aos semi-internos, hóspedes, visitantes itinerantes são distribuídos tarefas que devem ser realizadas nos seus devidos setores. As tarefas começam antes que o dia amanheça e seguem até à tardinha. Bem cedo, o grupo todo coopera na limpeza básica dos ambientes. Só depois é que é servido o café da manhã. Há refeições ao meio-dia e à noite. O recolhimento para o sono deve iniciar-se às 20h30min. O silêncio deve ser respeitado a partir das 21h30min.

As palestras com Trigueirinho acontecem semanalmente, em especial, no dia da vigília mensal, nos encontros de oração e nas reuniões dos monastérios. Os encontros do setor saúde (médicos e terapeutas) realizam-se também semanalmente. Os encontros de oração ocorrem três vezes ao ano.

Como fomos, por várias vezes, à “Figueira”, constatamos que há uma organização física por setores. São duas áreas, uma urbana e uma rural na fazenda. A urbana situa-se geograficamente na cidade de Carmo da Cachoeira, interior de MG. Encontra-se ali a Casa 1, que foi a primeira sede no início em 1987. Ela é designada secretaria geral de “Figueira”, coordena e distribui tarefas. Na área rural, há uma fazenda de mais ou menos cem hectares e há um setor que chama-se “Vida Criativa”, onde são feitos plantio de hortas, colheita e armazenamento.

Em “Figueira” há, atualmente, sete monastérios. Alguns são reais, físicos, com localização geográfica precisa, onde vivem os residentes internos; outros são virtuais, ainda não se materializaram fisicamente, não têm localização geográfica, são considerados um “modo de vida”, uma filosofia, sem precisar de um local físico concreto propriamente dito:

O monastério 1 é feminino, semi-recluso. Localiza-se na fazenda e é chamado Figueira 1 ou F1. Ali há o pátio com uma área aberta e outra reclusa, sendo esta última o local onde residem monjas, que são desestimuladas a ter qualquer contato social com o grupo semi-interno e com o próprio grupo interno.

O monastério 2 é masculino, semi-recluso. Localiza-se na fazenda e é chamado de Figueira 2 ou F2. Há uma área reclusa, onde ficam os monges.

O monastério 3 é misto, eremítico (recluso). Figueira 3 ou F3 localiza-se na fazenda. É designado eremitério, onde atualmente reside Trigueirinho e mais duas pessoas. Este trio vive como eremita e não tem contato social com o grupo interno, muito menos com o grupo externo ou semi-interno. Dos três, apenas Trigueirinho pode transitar livremente por qualquer setor ou ter contato social com quem bem lhe aprouver. São permitidos retiros eremíticos em “Figueira”. O interessado deve levar uma barraca e sua própria alimentação, pois ficará no eremitério sem contato com ninguém.

O monastério 4 é misto, externo. Localiza-se na casa 4, que fica na cidade de Carmo da Cachoeira.

O monastério 5 é misto, externo. Localiza-se em F1 na fazenda.

O monastério 6 é misto, domiciliar. Localiza-se em cidades distantes da fazenda “Figueira”.

O monastério 7 é misto, itinerante. Localiza-se em cidades distantes da fazenda “Figueira”.

A organização “Figueira” está aberta para pessoas abnegadas e úteis que formam grupos que poderiam ser denominados de semi-internos ou itinerantes, hóspedes, visitantes, simpatizantes, colaboradores, adeptos, discípulos ou redes de serviço. Hospedam-se em “Figueira” para ouvir as palestras de Trigueirinho. Compram livros, executam tarefas, em troca, “Figueira” fornece comida para o corpo e “alimento” para o espírito.

Percebemos, nas vezes em que visitamos “Figueira”, que Trigueirinho, devido à sua personalidade forte e a seu carisma, possui ascendência sobre o grupo, está, portanto, no topo da pirâmide hierárquica. Trigueirinho, por ser cineasta, por viajar pelo mundo, teve uma vida intelectual, uma cultura mais vasta que os integrantes de seu grupo, adquiriu mais conhecimentos, mais poder intelectual. A “poder do saber”, de maior soma de conhecimentos, levou-o a se tornar líder, superior em relação às pessoas do seu grupo, podendo assim atrair, em torno de si, quantidade de simpatizantes e a organizar comunidades.

A grande profecia de Trigueirinho, hoje considerado um profeta pelo seu grupo, fala sobre a “Operação Resgate” da raça humana. Ela salvará o seu grupo do fim do mundo. Porém para que essas pessoas sejam resgatáveis precisam passar por uma mudança de comportamento. Essa mudança de padrão de personalidade têm como finalidade torná-lo humilde, sem liberdade de escolha, sem livre-arbítrio. Dessa forma passam a aceitar, acatar ordens e funções alheias à sua natureza individual egoísta e a atender aos objetivos do coletivo, do grupo, e não aos da sua individualidade.

Percebemos que os internos de “Figueira” não lidam com dinheiro, nem conhecem o valor a moeda nacional. A organização “Figueira”, por sua vez, dispõe de meios para a obtenção de recursos para a consecução de suas metas. Uma das formas de arrecadar recursos é através de mão-de-obra voluntária e gratuita, além de contribuições voluntárias. Outra maneira é o cultivo agrícola para subsistência

própria. A produção excedente é trocada na cidade de Carmo da Cachoeira por gêneros alimentícios que estejam faltando.

Há, atualmente, poucos residentes em “Figueira”. Não há um número maior porque, segundo Trigueirinho, no atual momento da civilização, poucas pessoas conseguem libertar-se, liberar-se do compromisso com a sociedade. A estrutura, a engrenagem da presente civilização continua exercendo grande influência. Algumas têm, portanto, que se despojar de encargos e desvincular-se de tendências retrógradas e antiquadas, segundo Trigueirinho, para corresponder ao que é exigido do residente. Esta postura emergirá da renúncia das ambições e satisfações pessoais em função da coletividade.

Os que aspiram à vida no local são chamados aspirantes. Eles devem ter uma disposição para seguir, sem reservas, com abnegação, com desapego, de forma altruísta e impessoal, o caminho do serviço. O aspirante deve deixar de lado o orgulho e o preconceito para servir à humanidade. Deve aprender que a sujeição a uma organização, a uma ordem, às regras, às normas, a determinadas condutas é necessária para um trabalho evolutivo e que, impostas num ambiente, servem de exemplo aos demais.

O terceiro capítulo tem o objetivo de contextualizar, compreender e explicar a organização “Figueira”. Para tanto utilizamos, como referencial teórico e metodológico, o interacionismo simbólico. Neste viés estão as pesquisas de Erving Goffman, autor que enfoca as interações entre atores sociais.

Num primeiro momento, há a biografia de Erving Goffman, o explica e justifica temas e conceitos teóricos próprios. Assim, alguns dados biográficos ajudam a entender como a obra deste autor reproduz o *status* social dele. Uma pesquisa científica nunca é totalmente dissociada da formação de classe que lhe preexiste, de tal maneira que a obra encerra sempre a marca da trajetória social do seu autor.

Traçamos os princípios e paradigmas do interacionismo simbólico, dando especial relevância aos conceitos teóricos do livro “A representação do Eu na Vida Cotidiana”. A abordagem dinâmica constitui uma preocupação dos sociólogos e antropólogos, por isto optamos por embasar o presente estudo neste referencial teórico. Joas (1999) sustenta que a teoria deve ser desenvolvida a partir das

observações das interações dos atores sociais na vida real. A finalidade desta pesquisa é mostrar o que os atores sociais realmente fazem em determinados contextos, em processos observáveis de interação.

O interacionismo simbólico é uma escola da microssociologia\* e introduz um objeto novo, a situação de interação. Dentro desta visão, a sociologia das organizações sugere que o funcionamento de uma organização torna-se viável com a existência de um processo flexível e permanente de negociação entre os vários atores sociais interessados na forma de divisão do trabalho. A principal tarefa da sociologia das organizações, dentro da visão do interacionismo simbólico, é a reconstituição dos processos interacionais, definidos e desdobrados no tempo. A tese central que o sustenta é a da conversação diplomática, o que mantém a instituição contínua da sociedade. O que tem por objetivo manter a continuidade da instituição da sociedade. (JOAS, 1999)

Segundo Joas (1999), a interação social é um processo que condiciona o comportamento humano. O ator social tem um “eu” (*self*), que se torna objeto para si mesmo, comunica-se consigo próprio e age em relação a si. O “eu” (*self*) precisa de uma visão reflexiva; o ator social, através de um processo de *self-interaction*, interage com o mundo e com outros. Nessa interação, define o significado das coisas. Por isso há influência das pesquisas dessa corrente na antropologia e na sociologia. Sua tarefa central é identificar o que na sociedade condiciona os comportamentos individuais do ator social, o que nele faz diferença para aspectos coletivos da sociedade. O quanto o comportamento individual, a interação social e o ator social são afetados pela estrutura social e também como os atores sociais podem, através de seus comportamentos, individual e coletivo, alterar as estruturas em que atuam. Não é possível conceber o ator social sem a sociedade e a sociedade sem o ator social. Os dois são gerados na interação. Há influência do ator social na sociedade e vice-versa. A partir da interação, a natureza dual da relação ator social e sociedade gera o processo de individualização que é derivado da socialização (JOAS, 1991).

---

\* Referimo-nos à microssociologia para apontar diferentes vertentes teóricas que surgem após a crise dos clássicos, sobretudo Durkheim e Weber nas primeiras décadas do século xx. A microssociologia desenvolveu-se sobretudo no interior da escola de Chicago onde surgiram vertentes tais como o evolucionismo psicológico, quantitativismo, condutivismo.

Goffman delimita um campo de estudo propriamente sociológico centrado nas situações, na análise das relações sociais em termos de ações recíprocas. Em seu estudo sobre os rituais de interação, examina o trabalho de construção da face (GOFFMAN, 1999). O termo face é determinado pelos valores percebidos numa interação com o ator social. A face dá indícios da identidade, do *self* formado por características sociais reconhecidas e aceitas pelo grupo de atores sociais. As regras do grupo determinam as faces apresentadas em interação.

O livro “A Representação do Eu na Vida Cotidiana” serve de orientação para estudar a vida social sob o ponto de vista da manipulação da impressão aplicável a qualquer estabelecimento social concreto, poderia servir como uma referência a ser utilizada no estudo de casos da vida social institucional.

Um estabelecimento social é qualquer lugar no qual se realiza regularmente uma forma particular de atividade. Nesse espaço há uma equipe de atores que, em conjunto, apresenta-se à platéia utilizando regras de comportamentos social. Há uma região onde é preparada a representação. Também há uma área onde essa encenação é apresentada. A entrada nessas regiões é vigiada para evitar que a platéia ou o auditório veja os bastidores. Entre os membros da equipe há certa convivência, fidelidade, lealdade, vigilância para que os segredos que possam prejudicar a representação não venham a público.

O ponto de vista do livro “A Representação do Eu na Vida Cotidiana” é o de uma representação teatral, na qual se utilizam premissas, axiomas, princípios de caráter dramático. No palco se apresentam simulações. O ator social se apresenta sob uma máscara de um personagem social para personagens sociais, projetados por outros atores sociais, a platéia social.

Em quarto lugar, buscamos na obra de Goffman, publicada no livro “Prisões, Manicômios e Conventos”, trazer à luz as categorias de análises que poderiam definir as instituições totais. A característica marcante de uma instituição total é o condicionamento da vida dos indivíduos através da imposição de regras internas para as interações. Neste ambiente institucionalizado, a face, o “eu”, o *self*, a identidade é ameaçada ou deteriorada, podendo ser estigmatizada por parte ou por

todos os membros do grupo do qual o ator social faz parte, mesmo que não apresente características físicas que incentivem tais atitudes.

Em termos conceituais mais detalhados, limitam suas próprias atividades num único espaço físico, é um mesmo local de moradia e trabalho, e as regras de comportamento condicionam a identidade ideológica e filosófica do grupo. Existe um fechamento em relação à sociedade. Goffman (1999) diz que há importância sociológica nas pesquisas das instituições totais, porque são locais de condicionamento dos atores sociais. Normas coletivas e compulsórias condicionam o comportamento interacional daqueles que pertencem ao grupo.

Também é um objetivo da instituição total transformar o ator social num ser o mais próximo possível da perfeição idealizada. Goffman (1999) explica que as normas culturais condicionam como os atores sociais devem agir quando inseridos num determinado grupo social.

Ao se fazer parte de uma instituição qualquer, um novo processo de socialização é iniciado, porque começa um processo de adaptação com caráter permanente a seus padrões de interação. Podemos observar como um ator social condiciona sua conduta de acordo com as circunstâncias. Isto se explica pelo fato de o ator social ser flexível e ter a capacidade de se adaptar ao meio social e cultural. O contexto e a conjuntura social condicionam a atitude e até o pensamento, porque a instituição exerce domínio sobre o “eu” (*self*) ou personalidade dos seus membros, condicionando sua ideologia, cultura, costumes, hábitos, conduta e postura.

Por último, buscamos delinear, superficialmente, o perfil daqueles que se identificam com comunidades desviantes, os estigmatizados, divergentes, *outsiders*, liminares, retraídos, marginais, deslocados, rebeldes, perdidos, desenraizados, minorias, artistas, etc. Durante a mudança do século XX para o XXI, houve um período de transição. Dentro desse contexto surgiu Trigueirinho re-anunciando a Era de Aquário, um movimento tão diverso quanto a contracultura da década de 1960, e com raízes na New Age. Trigueirinho anunciava em suas profecias que a transição para o milênio aquariano, de amor e fraternidade, seria plena de violência e riscos para os espiritualmente despreparados. Por outro lado, os que estivessem em harmonia com a operação resgate, liderada por ele, ingressariam numa nova era de

iluminação espiritual e seriam orientados por seres intra-terrenos, superiores e avançados, emissários de uma civilização extra-terrestre, cujas espaçonaves eram os OVNIS, ajudariam a criar uma nova civilização.

Contemporaneamente não existe mais a identificação física do estigma, mas existem os estigmatizados. São aqueles que por algum motivo não são aceitos em determinada comunidade, porque se afastam das expectativas sociais, culturais, econômicas, intelectuais, físicas, etc. Suas resignações sociais podem se manifestar como um mecanismo de fuga e abandono da sociedade, convergindo para comunidades desviantes (GOFFMAN, 1988), onde entram em contato com seus semelhantes formando uma sub-cultura.

Os desviantes sociais, descreve Goffman (1988), orgulham-se de sua rebeldia e evitam as divergências (Velho, 1974), restringindo-se à proteção auto-defensiva de viverem isolados numa sub-comunidade. Ali não se sentem mais deslocados como na sociedade aberta. Sentem-se melhores, superiores, exemplos e modelos de vida para os atores sociais da sociedade aberta, assim atraem mais simpatizantes. Turner (1974) diz que a *communitas* é formada por um conjunto de atores sociais concretos e idiossincrásicos que, apesar de serem diferentes quanto ao físico e às personalidades, são iguais do ponto de vista da humanidade comum a todos. Buscam uma transformação e encontram algo profundamente comunal e compartilhado: sua alma ou humanidade, sua 'comum unidade'.

No quarto capítulo, descrevemos o método de pesquisa, criado por Goffman, para observar de forma participativa as interações. Em primeiro lugar, descrevemos o procedimento teórico-metodológico Goffminiano utilizado na pesquisa de campo em "Figueira". Em segundo lugar, tomamos ciência desta comunidade por intermédio da cadeira de cinema, da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS (FAMECOS-PUCRS). Trigueirinho foi um diretor premiado na fase do Cinema Novo brasileiro, em 1960, com o filme "Bahia de todos os Santos". Em terceiro lugar, é importante ressaltar que esta pesquisa é pioneira. Não existiam estudos, ensaios, artigos, textos acadêmicos anteriores sobre esta organização. Tivemos, pois, que desbravar um novo caminho de pesquisa e construir um novo saber, um novo conhecimento. O ineditismo tornou-a trabalhosa. Levamos seis anos para realizá-la. Tivemos paradas que foram muito frutíferas, pois procuramos pôr em prática o que o

sociólogo *Domenico de Masi* chamou de ócio criativo, isto é, utilizar o tempo de lazer, o tempo recreativo para criar, produzir sem pressão, sem estresse.

Por curiosidade, um exemplo do esforço que fizemos: Há um livro chamado “*Internados*”, de Goffman, editado em Buenos Aires, pela Amorrortu Editores. Na época, estava esgotado na editora, não foi encontrado na Feira Internacional do Livro de Porto Alegre em novembro de 2006. Não estava disponível na biblioteca da PUCRS, UFRGS, Ulbra nem Unisinos. Nenhum dos professores do PGCS, nem os sebos de Porto Alegre, RS, possuíam um exemplar original ou cópia de tal livro. Somente encontramos um exemplar, de 1972, em um sebo de São Paulo, SP, através da internet e enviado via sedex.

Esperamos que esta dissertação possa servir de referência para posteriores estudos e aprofundamentos sobre o mesmo tema. Podíamos ter optado pelo viés do ‘messianismo’, ou, pelo viés do ‘poder’, estudado por Foucault, ou, ainda, do mesmo autor, o viés de ‘vigilância e punição’. Ainda, poderíamos ter optado, pelo ponto de vista do ‘líder carismático’, de ‘*communitas e liminaridade*’ estudado por Victor Turner, pelo recorte do ‘desvio de divergência’ de Gilberto Velho, etc, mas escolhemos o Interacionismo Simbólico e a trilogia de Goffman que trata das instituições totais, da representação do “eu” na vida cotidiana e do estigma.

Goffman, em sua tese de doutorado na comunidade das Ilhas *Shetland*, construiu sua própria metodologia. Apresentou-se aos moradores das Ilhas como um estudante universitário que desejava obter informação direta sobre a economia insular. Ele se colocou no próprio espaço da pesquisa de campo, ou seja, no espaço das interações dos moradores. Ali pôde perceber o infinitamente pequeno, o evidente e o óbvio. Não utilizou questionários, gravador, câmera de filmar. Tomava algumas notas escondidas. Mais tarde, já conhecido e mais “participante observador” do que “observador participante”, vai simplesmente reviver as interações e relatá-las no seu diário elaborado à noite no silêncio do seu quarto.

Goffman teve a oportunidade de observar as crises interacionais que surgem, por vezes, no meio de pequenos grupos de atores sociais. Ele participava de atividades mais informais e observou as interações em forma de conversa. A interação, objeto da atenção de Goffman, denominava-se conversacional. Goffman

observou a interação que ocorrem nos espaços cotidianos e excluiu a preocupação com as características macrossociológicas da comunidade. Excluiu traços que distinguiam esta ilha de uma outra e examinou as interações que se assemelhavam às dos lugares mais impessoais da vida moderna. Goffman rejeitou o tempo e o espaço, anulou a tradição da história. Dessa forma isolou as características do homem interacional puro. Ele observou as interações mais impessoais das Ilhas *Shetland*, o resto não lhe interessava. Isto justificava sua posição, de que o seu estudo se desenrolou na comunidade das Ilhas *Shetland*, mas não era um estudo da comunidade das Ilhas *Shetland*.

Através de indícios sutis das interações, Goffman captou a lógica do ato de encenação, o conjunto de estratégias para exibir uma imagem social que valorizava o ator, que causava uma boa impressão, que distinguiu um do outro, aspectos por vezes despercebidos pelos leigos e que não eram considerados relevantes pela maioria dos sociólogos. No entanto, esses detalhes modificaram o pensar sociológico no mundo.

Sua pesquisa etnográfica do hospital psiquiátrico para doentes mentais *Santa Elizabeth* colaborou para deflagrar a luta antimanicomial no mundo. A junção do sociólogo e do etologista serviu como uma vantagem a mais para Goffman. A linguagem do corpo, em interação, que se observava nas ruas estava conectada aos contextos antropológicos de todas as interações sociais e isso se tornou um critério de julgamento das formas institucionais de controle social e dos esquemas explicativos da socialização.

Este estudo das instituições totais e, particularmente, do mundo dos atores sociais, denominados por nós como hóspedes e/ou visitantes itinerantes da comunidade “Figueira”, tem como um dos seus interesses principais avaliar, o mais possível, a versão sociológica do “eu” (*self*) em interação na organização “Figueira”. Ao contrário de Goffman, acentuamos nesta pesquisa o mundo do ator social não-internado, dos hóspedes e/ou visitantes itinerantes que se hospedam em “Figueira” e que, ao interagirem com os atores sociais ou residentes permanentes – fazendo parte ou não da equipe dirigente –, entram em conflito em função de diferentes personalidades, comportamentos, interesses, objetivos, hábitos, costumes, usos, criando-se, assim, um clima constante de conflito, discórdia, etc.

Apresentamo-nos como colaboradores e ficamos hospedados como alguém que simpatizava com a cultura espiritual proposta no local, mas evitamos a intimidade e a amizade, até porque esta conduta é condenada. Colocamos-nos no próprio espaço das interações, no campo de pesquisa propriamente dito, para fazer uma observação participante das interações, para verificar como a integração faz a vida social acontecer. Procuramos nos integrar à vida cotidiana para observar as interações. Não pudemos usar gravadores, filmadoras, nem fotografar. Estes instrumentos são proibidos. Também não fizemos questionários, porque chamaria muita atenção e tiraria a espontaneidade, a naturalidade das pessoas analisadas. Tomávamos, inicialmente, pequenas notas aqui e acolá escondidas. Mais tarde, tomávamos notas, no quarto, mesmo estando, quase sempre, em quartos coletivos. Hospedados e vivendo no meio deles, tivemos a oportunidade e o privilégio de presenciar comunicações, interações e conversas cotidianas interessantes e bastante elucidativas da sua cultura ímpar ou singular.

Queremos informar que fizemos uma observação participante das interações que se passam na comunidade “Figueira”, portanto não realizamos um estudo, propriamente dito, da comunidade “Figueira.” Por esta razão, não pesquisamos as características macrossociológicas, não levamos em conta o tempo, a história, mas somente estudamos o espaço e os traços que caracterizam esta comunidade. Procuramos examinar as interações impessoais que podem ocorrer por divergências nas relações de poder. Portanto, coletamos informações da organização “Figueira” seguindo, passo a passo, o método criado por Goffman.

Foram seis observações participantes ao todo no campo de pesquisa. O tempo de permanência é determinado por eles. A primeira foi nas férias acadêmicas de verão, porque, obviamente, tínhamos mais tempo e porque nesta época afluem mais atores sociais à “Figueira”. Realizou-se no primeiro semestre de 2001, em janeiro, por dez dias consecutivos; a segunda, nas férias acadêmicas de inverno, também por termos mais tempo, e também por irem mais pessoas para lá nessa ocasião, portanto realizou-se no primeiro semestre de 2001, em julho, por quinze dias consecutivos; a terceira observação foi no primeiro semestre de 2002, em julho, também nas férias acadêmicas de inverno, por sete dias consecutivos; a quarta, no primeiro semestre de 2004, nas férias acadêmicas de verão, em fevereiro, por quinze dias consecutivos; a quinta foi no primeiro semestre de 2006, em fevereiro,

nas férias acadêmicas de verão, por sete dias consecutivos. A sexta e última foi no primeiro semestre de 2006, em julho, por cinco dias. Além disso, fizemos duas pesquisas de campo na comunidade Nazaré, situada na cidade de Nazaré Paulista, interior do Estado de São Paulo, as quais se realizaram nas férias de verão do ano 2003, mais precisamente em janeiro, por uma semana, retornando novamente em fevereiro por quinze dias.

Fizemos várias outras pesquisas de campo nos subgrupos ou rede de serviço de Porto Alegre. Realizamos reuniões com atores sociais do grupo e fizemos algumas observações participativas nas audições públicas. Também pesquisamos a bibliografia, exclusivamente utilizada para consulta interna, do grupo de “Figueira” e das redes de serviço, pesquisamos a bibliografia das obras publicadas por Trigueirinho, algumas indicações bibliográficas apontadas pelo próprio Trigueirinho em seus escritos tais como: ‘Revistas de Sinais’, ‘Jornais de Sinais’, ‘Boletim de Sinais’, textos e artigos na internet, seu filme “Bahia de todos os Santos”, seus VHS, cds, fitas k-7, seus artigos críticos publicados na Revista “Anhembí”, editada pela USP, algumas críticas especializadas em cinema sobre sua obra. Quase todas as fontes citadas estão anexadas para futuras consultas, já que seria muito dispendioso em termos de tempo e muito oneroso deslocar-se até “Figueira”, além de toda uma burocracia para entrar lá.

Conforme Becker (1977) aconselha, esclarecemos que a pesquisa foi feita sob o ponto de vista de hóspedes e/ou visitantes. Este autor enfatiza que a neutralidade ideal nas pesquisas científicas dificilmente é atingida, tornando assim necessário informar de qual ponto de vista nos situamos. A presente pesquisa, portanto, foi feita buscando compreender os atores sociais denominados hóspedes e/ou visitantes itinerantes que permanecem temporariamente em “Figueira” e que, ao interagirem com os residentes ou internos, sejam auxiliares ou coordenadores, entram em conflito em função da sujeição hierárquica. Isto gera um clima de tensão permanente, pois as disciplinas, normas, regras e tarefas impostas pelo grupo de “Figueira”, liderado por Trigueirinho, condicionam o seus “eus” (*self*) ou personalidades.

Quanto às instituições totais, Goffman (1999) salienta que há um interesse sociológico no estudo delas, porque condicionam os atores sociais. Regras e normas

condicionam o comportamento e o que devem pensar coletivamente em virtude de pertencerem ou não àquele grupo específico. Nossa tese é que “Figueira” pode ser classificada, parcialmente, como uma instituição total por possuir muitas características inerentes a esse fenômeno. O mais importante é a percepção do seu condicionamento sobre o “eu” (*self*), sobre o comportamento, o pensamento e até os sentimentos dos que estão ligados a ela direta ou indiretamente.

Numa terceira instância, definimos as categorias de análise dos ritos da instituição e dos da interação, as quais foram extraídas do referencial teórico. As categorias definidas na “representação dos atores sociais” são convergentes às categorias absorventes das instituições totais. A seguir, fizemos um quadro de categorias de análises fundamentadas no livro “A Representação do Eu na Vida Cotidiana”, tais como: manipulação da impressão; representação; regiões e comportamento regional/estabelecimentos sociais; região frontal/região de fachada; região posterior/fundo/bastidores; equipe; platéia/observador; segredos; papéis discrepantes; princípio norteador. As interações dos atores sociais foram examinadas tomando por base a interpretação teatral, a representação, o desempenho de um papel e/ou simulação de caráter dramático.

A “representação dos atores sociais” e as características da instituição total, no contexto do Interacionismo Simbólico, pressupõem que a situação da interação, a circunstância, o espaço das controvérsias (os quais têm muita importância para a sociologia) não deveriam dissociar os ritos de interação e os da instituição. No caso estudado da comunidade de “Figueira”, não se observou tal dissociação entre os ritos. Alguns aspectos foram apresentados separadamente apenas para fins analíticos.

Em quarto lugar, listamos o material empírico e o classificamos em categorias. Por fim, analisamos as observações de campo que estão divididas em ritos da instituição e ritos de interação e fazemos algumas considerações finais em forma de análise do material relacionado às categorias.

Mesmo conhecendo o fato de que existem muitas críticas às instituições totais nesta contemporaneidade, a importância deste estudo, vincula-se ao fato de que: ainda existem instituições totais no âmbito das organizações sociais que podem ser consideradas, mesmo que parcialmente, ou em alguma medida, em instituições

totais. Neste sentido, é o Interacionismo Simbólico de Erving Goffman que pode e deve ser utilizado como referência teórica para o conhecimento de tais instituições em detrimento dos estudos contemporâneos sobre religião.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema desta pesquisa é pioneiro, inédito e dessa forma esperamos que possa servir de ponto de partida para posteriores estudos e aprofundamentos sobre temas afins. Este estudo da comunidade “Figueira” como exemplo de uma instituição total e, particularmente, o mundo dos atores sociais tinha como um dos seus interesses principais apresentar uma versão sociológica do “eu” (*self*) em interação.

Diferentemente de alguns pontos de vista de Goffman, acentuamos o mundo do ator social não-internado que se hospeda em “Figueira”. Estes, ao interagirem com os internos, entram em conflito em função de diferentes condicionamentos, criando-se, assim, um clima constante discórdia. Eles entram em divergência em função da sujeição hierárquica do grupo de “Figueira”, por sua vez, liderado por Trigueirinho. Elas geram uma atmosfera de divergência permanente pela interferência ao “eu” (*self*) de cada um.

Portanto, há um interesse sociológico nas pesquisas sobre instituições totais, porque nestes espaços, as regras e normas condicionam como os atores sociais devem interagir coletivamente em virtude de pertencerem a um grupo específico.

O funcionamento de “Figueira” confirma nossa hipótese de que esta comunidade pode ser classificada, parcialmente, em alguma medida, como uma instituição total por possuir algumas características similares àquelas estudadas por Goffman. Também se verificou que a forma como é administrada “Figueira” condiciona o “eu” (*self*), o comportamento, o pensamento e até os sentimentos dos que estão ligados a ela direta ou indiretamente.

As categorias definidas na “representação dos atores sociais” são convergentes às categorias absorventes das instituições totais. As categorias das instituições totais convergem com as das categorias da interação face a face, sobretudo porque, as tendências absorventes destas instituições, funcionam nas interações e anulam a intersubjetividade por processos de apartação ou isoladamente principalmente. O elo entre elas é que a situação da interação(a qual

têm muita importância para a sociologia) não deveria dissociar os ritos de interação dos ritos da instituição. No caso estudado da comunidade de “Figueira”, não se observou tal dissociação entre os ritos de interação e os da instituição. Alguns aspectos foram apresentados isoladamente apenas para fins analíticos. As categorias convergentes nas interações face a face são resultantes dos processos de interação e constituem fatos de socialização. São convergentes, porque possibilitam aproximações. Todas as instituições tendem a atrair para si os sujeitos por processos de socialização, apartação, inclusão, identificação e outros. Nas instituições totais, essa absorção é mais acentuada.

Dentro desse contexto da transição do século XX para o século XXI, surgiu Trigueirinho re-anunciando a Era de Aquário. Esta transição passou por uma fase em que a insegurança nas relações sociais fizeram com que alguns atores sociais ficassem perdidos, fracassados, derrotados e suas resignações sociais podiam se manifestar em fuga e abandono da sociedade, quando convergiam para comunidades desviantes. Ali entravam em contato com seus semelhantes formando uma sub-cultura. Os desviantes sociais evitavam as divergências, restringindo-se à proteção auto-defensiva de viverem isolados numa sub-comunidade, onde não se sentiam mais deslocados como na sociedade aberta. Sentiam-se melhor que os da comunidade aberta, superiores, exemplos e modelos de vida, angariando simpatizantes.

Trigueirinho anunciava em suas profecias que a transição ao milênio aquariano seria plena de riscos para os espiritualmente despreparados. Mas, por outro lado, os que estivessem em harmonia com a operação resgate, liderada por ele, ingressariam numa nova era de iluminação espiritual, uma nova civilização.

Em relação à “Operação resgate”, como já dito anteriormente, tinha por objetivo salvar o grupo de “Figueira” do fim do mundo. Porém para que cada um deles fosse resgatável, precisaria passar por uma mudança de comportamento, isto é, teria que se sujeitar a um condicionamento. Esse resgate e condicionamento da personalidade teriam como finalidade torná-lo sem livre-arbítrio, para que acatassem ordens e funções alheias à sua natureza vocacional e atendessem aos objetivos do coletivo e não aos da sua individualidade.

Concluimos que Trigueirinho exerce poder, devido à sua personalidade e carisma, o que desperta o fascínio e o deslumbre nos simpatizantes. Assim adquiriu ascendência sobre um grupo de simpatizantes que agruparam em torno dele e consegue com que os grupos de pessoas internas e externas de “Figueira” trabalhem em atividades e tarefas gratuitas e voluntárias com o fim coletivo de transformação e resgate dos seres humanos que transitam por “Figueira”.

Nessa “Operação resgate”, os supervisores ou coordenadores são os indivíduos mais próximos de Trigueirinho. Ajudam ativamente e em geral também são dotados de certas virtudes carismáticas. Ministram palestras e servem de intermediários entre Trigueirinho e o restante do grupo, portanto dispõem de certo poder. Procuram organizar os colaboradores internos e externos, constituindo-os numa sociedade com direitos e obrigações estabelecidos de acordo com as instruções que condicionam a comunidade.

A quantidade de tarefas fez com que surgisse a divisão de trabalho e, conseqüentemente, a necessidade do aparecimento de uma série de colaboradores internos e externos. Trigueirinho não pode assumir sozinho a comunidade, por isto divide as tarefas com os coordenadores. Assim desenvolveu-se em “Figueira” uma hierarquia, um tipo único de estrutura social, com três camadas superpostas. Trigueirinho no topo, os externos ou redes de serviço na base, e intermediando a ambos um grupo de coordenadores internos mais próximos: os escolhidos por Trigueirinho. A divisão do trabalho é uma condição necessária para que a comunidade se desenvolva e possa partir para o resgate do mundo.

Os coordenadores dos setores estão constantemente sendo mudados por Trigueirinho. Há uma rotatividade, um rodízio de funções com o objetivo de evitar apego às tarefas, cultivar o desapego entre os colaboradores e impedir a possível formação de focos de rebeldia, como surgiram na Comunidade Nazaré, resultando na exclusão de Trigueirinho.

A centralização das tomadas de decisões em Trigueirinho acarreta uma falta de comunicação interna. Trigueirinho torna os limites de “Figueira” muito precisos em função de experiências negativas do seu passado que o excluíram da Comunidade Nazaré, por isso os indecisos não podem ser aceitos. Todos os membros devem

manifestar zelo no desempenho dos deveres. Se um membro recusa obediência, a salvação do grupo todo é posta em perigo, em jogo. Uma das grandes preocupações de Trigueirinho é dar ênfase aos limites do grupo, preservando os integrantes do contato nocivo com pessoas com ideais contrários. Isto, em parte, condiciona a segregação do grupo em relação à sociedade global. Assim, em “Figueira”, há uma permanente divergência resultantes da interação entre colaboradores internos e externos, porque o interesse do grupo está acima das individualidades. O indivíduo encontra-se subordinado a uma determinação coletiva, agindo em contrario a elas, poderia haver sanções privando sua independência, liberdade, livre-arbítrio.

Os colaboradores são condicionados a não se comunicarem, como já foi dito anteriormente, uma das maiores regras em “Figueira” é o silêncio interno e exterior. Por isso, há um isolamento que priva os colaboradores de iniciativa e criatividade, porque estão submetidos às regras, às operações e a forma de realizá-las que condicionam o seu comportamento. Seu modo operativo único ao qual devem condicionar-se e a ordem do seu desenvolvimento já estão especificados. Tudo está previsto com bastante exatidão, portanto não há espaço para a iniciativa pessoal ou para o livre-arbítrio. Para Trigueirinho, o livre-arbítrio gera um estado caótico. Os colaboradores, para serem salvos e resgatados, devem entregar-se à sua autoridade.

Vários trabalhos grupais realizam-se dessa maneira abnegada: oblatos são leigos que se oferecem para servir no grupo de “Figueira” abnegadamente. Auto-afirmação, orgulho, idiosincrasias e vaidade não devem interferir na sua tarefa, cujas bases são o despojamento, o desapego e a prontidão ao serviço impessoal para atender aos objetivos coletivos do grupo.

O zelador segue a via do despojamento e dedica-se a suprir tudo e todos incondicionalmente. O zelador deve se inspirar nos que se devotam incondicionalmente à vida de serviço.

Há, atualmente, poucos residentes em “Figueira”, porque, segundo Trigueirinho, no atual contexto social, poucas pessoas conseguem liberar-se do compromisso com a sociedade. A estrutura, a engrenagem da sociedade continua

exercendo grande atração sobre as pessoas. Alguns devem, portanto, se despojarem de encargos e desvincularem-se da sociedade, segundo Trigueirinho, para ajudar no que é exigido aos residentes de “Figueira”. Esta postura resultará da renúncia a ambições, desejos e satisfações próprias em função da coletividade.

O residente deve vivenciar suas provas de renúncia, humildade, humilhação, abnegação em silêncio, sem tagarelice, sem choro, sem emoções, sem dor. Para o residente as provas, que advêm do cumprimento das tarefas diárias, são oportunidades de transformação, por isso, devem cultivar a virtude ou qualidade de desapego e renúncia em tudo o que faz, realizando as tarefas que lhe cabem com abnegação. Um residente deve renunciar às delícias, ao conforto, aos prazeres da vida. Deve deixar de lado a murmuração, a queixa, a lamúria, deve prescindir de consolo.

Há em “Figueira” uma atividade chamada de abrigo que possibilita prestar serviço livre dos apegos que limitam o trabalho em grupo. Também não se deve buscar reconhecimento para não reforçar o egoísmo. Esta atitude torna-se um obstáculo à vida grupal. A colaboração é necessária, pois a tarefa deverá cumprir-se conforme planejada pelo grupo. A função do abrigo é de ajudar todos libertarem-se, desvencilharem-se e desapegarem-se da sociedade. Muitos dos que se aproximam do abrigo estão para se libertarem e necessitam de coragem, ajuda e reforço.

Os que aspiram à vida em “Figueira” são chamados de aspirantes e devem ter uma disposição para seguir, sem reservas, com abnegação, com desapego, de forma impessoal, o caminho do serviço. O aspirante deve deixar de lado o orgulho e o preconceito para servir à humanidade. Deve aprender que a sujeição a uma organização, a uma ordem, às regras, às normas, a determinadas condutas são necessárias a um trabalho evolutivo e que, impostas num ambiente, servem de exemplo aos demais. O aspirante deve reconhecer que o condicionamento a uma disciplina hierárquica é imprescindível para a transcendência do egoísmo e das preferências de natureza mental e emocional individuais em detrimento das coletivas e grupais. Só quando o egoísmo é transcendido e as preferências individuais superadas surge a disciplina grupal e coletiva. Ordem, disciplina e obediência devem fazer parte da vida do aspirante, revelando uma maneira flexível, meiga e cordata de viver.

“Figueira” como já foi dito anteriormente, é um híbrido social, uma organização formal que administra uma comunidade alternativa. Os monges nunca devem entrar em interação com o grupo de colaboradores itinerantes e/ou visitantes que se hospedam em “Figueira” e, em hipótese alguma, estabelecem interação com o restante da sociedade aberta. Há um monastério feminino e outro masculino, são semi-reclusos. Vivem separados fisicamente sem muita interação com o grupo de residentes. Mais afastados e sem interagir com os itinerantes ou visitantes que se hospedam em “Figueira”. Estão sem nenhuma interação com a sociedade aberta. Eles só têm interação com o grupo de residentes em raras reuniões, excepcionalmente têm interação com o grupo itinerantes ou visitantes e jamais têm interação com a sociedade aberta. Essa falta de interação só vêm ratificar o enquadramento em parte, em alguma medida, de “Figueira” como uma instituição total, onde quase inexistente interação.

Os atores sociais que almejam morar em “Figueira” devem viver em comunidade, separados da família, desapegados do dinheiro, sem posses ou propriedade privada. Devem condicionar-se à pobreza, sublimar o sexo e, conseqüentemente, abrir mão da instituição casamento, abster-se de alimentos de origem animal, ser obedientes aos seus superiores, observar o silêncio e restringir a conversa ao estritamente necessário para o andamento das tarefas. Essas são características similares às das instituições totais estudadas por Goffman.

A seguir, algumas considerações breves sobre a influência dos atores sociais de “Figueira” no condicionamento “eu” (*self*) dos simpatizantes. O efeito dá-se sobre a reprodução dos seus valores espirituais, padronizando gestos, expressões e linguagem.

Os valores culturais dos atores sociais de “Figueira” condicionam em detalhe o modo como os residentes pensam, aparentemente, em relação a muitos assuntos, até mesmo estabelecem um quadro de referências, de parâmetros, de paradigmas.

Os atores sociais estão alicerçados numa ideologia que molda o comportamento dos que entram em contato mais diretamente com ela, tornando-os servis. Essa marca ou estigma transparece nas atitudes dos seus atores sociais, na sua maneira de interagir, de sentar, de andar, na sua forma de comer, de falar,

porque estão condicionados por uma cultura espiritual que submete o corpo à purificação moral, cultura baseada nas virtudes do tipo ideal de caráter cristão sobre as quais diz o filósofo Nietzsche serem virtudes do escravo.

“Figueira” tem como objetivo principal a espiritualidade e está alicerçada numa ideologia que condiciona um comportamento servil que transparece na forma de interagir (*self-interaction*), de sentar, de andar, nos gestos, nas expressões, na linguagem e até na forma de comer dos atores sociais, os quais representam um “eu” (*self*) cotidiano humilde e modesto.

Através da imposição de regras, normas e disciplinas, “Figueira” reproduz seus valores nos mínimos gestos, expressões e linguagem de forma a padronizar e homogeneizar os comportamentos, não permitindo que as pessoas vivam como quiserem, com liberdade de escolha, com livre-arbítrio, etc., criando, assim, uma comunidade de atores sociais condicionados, automatizados, fechados e segregacionistas, tal como a ficção científica do livro “O Admirável Mundo Novo”.

“Figueira” rompeu com os princípios fundamentais da sociedade abolindo a propriedade, o casamento e a família. Tornou-se um espaço comunitário singular, indiferente ao Estado. É uma comunidade composta de indivíduos semelhantes que formam uma subcultura. A comunidade evoluiu para um estado monástico com o tempo e o aumento do número de residentes. Hoje lá se confundem submissão com santidade. Todos devem se sujeitar à autoridade de Trigueirinho. Os que desejam viver pelas regras de “Figueira” devem querer devotar-se inteiramente ao serviço pela autodisciplina, oração e trabalho. Devem viver uma vida em comunhão, desapegar-se da família, condicionar-se à pobreza, desapegar-se do dinheiro e da propriedade privada. Devem abster-se do sexo e conseqüentemente do casamento, devem obedecer aos superiores, devem abster-se de alimentos de origem animal, devem restringir a conversa e observar o silêncio. A liberdade, o livre-arbítrio e a privacidade são suprimidos em favor da coletividade.

“Figueira”, sob a égide de um novo código cultural, subverte a ordem social estabelecida, criando normas que contrariam a sociedade aberta. Com isso, o grupo possui idéias que conflitam com os valores da sociedade na qual se insere, gerando uma divergência permanentes entre o grupo de externos e o dos internos.

## REFERÊNCIAS

ANDACHT, Fernando. A representação do *self* na obra de Goffman: sociosemiótica da identidade. In: GASTALDO, Édison (org). *Erving Goffman – desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

BAZILLI, Chirley et al. *Interacionismo simbólico e teoria dos papéis: uma aproximação para a psicologia social*. São Paulo: Editora da PUCSP, 1998.

BECKER, Howard. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

\_\_\_\_\_. As políticas de apresentação: Goffman e as instituições totais. In: GASTALDO, Édison (org) *Erving Goffman – desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

BORDIEUX, Pierre. Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno. In: GASTALDO, Édison (org). *Erving Goffman – desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

CROZIER, Michel. *O fenômeno burocrático*. Brasília: UnB, 1981.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir. Nascimento da Prisão*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

GASTALDO, Édison (org.). *Erving Goffman – desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

GOFFMAN, Erving. *Internados. Ensayos sobre la situación social de los enfermos mentales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1972.

\_\_\_\_\_. As características das instituições totais. In: ETZIONI, Amitai. *Organizações complexas – estudo das organizações em face dos problemas sociais*. São Paulo: Atlas, 1976.

\_\_\_\_\_. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

\_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Manicômios, prisões e conventos*. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. *Os sem-terra, ONGs e cidadania: a sociedade civil brasileira na era da globalização*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria – forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

JOAS, Hans. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (org). *Teoria social hoje*. São Paulo: UNESP, 1999.

JOSEPH, Isaac. *Erving Goffman e a microssociologia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

MALUFE, José Roberto. *A retórica da ciência – uma leitura de Goffman*. São Paulo, Editora da PUCSP, 1992.

MASI, Domenico de. Para aprender se divertindo. E vice-versa. *Revista Época*, São Paulo, Editora Globo, n.440, p.66, 23 out. 2006.

MAX, Weber. Os três tipos puros de dominações legítimas. In: COHN, Gabriel (org). *Weber: sociologia*. São Paulo: Ática, [s.d.]. p.128-41.

\_\_\_\_\_. Religião e racionalidade econômica. In: COHN, Gabriel (org). *Weber: sociologia*. São Paulo: Ática, [s.d.]. P.142-59.

MERTON, Robert K. *Sociologia – Teoria e estrutura*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

MORIN, Edgar. *Os problemas do fim do século*. 3.ed. Lisboa: Editorial Notícias, 1996.

NETTO, José Trigueirinho. *Glossário Esotérico*. 4.ed. São Paulo: Pensamento, 1997.

PADUA, Cláudio Valladares. *História*. Disponível em: <[www.ipe.org.br/html/historia](http://www.ipe.org.br/html/historia)>. Acesso em: 17/06/2003.

PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas*. Tempo de caos e as leis da natureza. 3.ed. São Paulo: UNESP, 1996.

QUEIROZ, Maria. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

SALLES, Francisco Luiz de Almeida. *Cinema e verdade: Marilyn, Buñuel, etc por um escritor de cinema*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVEIRA, David A. *Histórico*. Disponível em: <[www.nazarevivencias.com.br/historico](http://www.nazarevivencias.com.br/historico)>. Acesso em: 17/06/2003.

SMITH, Greg. Instantâneos 'sub specie aeternitatis', Simmel, Goffman e a sociologia formal. In: GASTALDO, Édison (org). *Erving Goffman - desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

SOUZA, José Inácio de Melo. *Fontes para o estudo do financiamento de filmes: a carteira de crédito do banco do estado de São Paulo*. Disponível em: <[www.mnemocine.com.br](http://www.mnemocine.com.br)>. Acesso em: 17/06/2003.

SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. *Trigueirinho Netto explora a credulidade alheia*. Disponível em: <[www.cipfani.com.br](http://www.cipfani.com.br)>. Acesso em: 17/06/2003.

\_\_\_\_\_. *Existem portais que levam ao interior da terra?* Disponível em: <[www.josevalter.com.br/UFO/ufo8](http://www.josevalter.com.br/UFO/ufo8)>. Acesso em: 06/10/2006.

TRIGUEIRINHO, José. *Glossário Esotérico: uma obra dedicada aos novos tempos*. 4.ed. São Paulo: Pensamento, 1997.

TURNER, Victor W. *O processo ritual - estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

\_\_\_\_\_. *Desvio e divergência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

\_\_\_\_\_. Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil. In: GASTALDO, Édison (org). *Erving Goffman - desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

WATSON, Rod. Lendo Goffman em interação. In: GASTALDO, Édison (org). *Erving Goffman - desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

WEBER, Max. Os três tipos puro de dominações legítimas. In: COHN, Gabriel (org). *Weber: sociologia*. São Paulo: Ática, 1979.

WEBER, Eugene. *Após o apocalipse, crenças de fim (e recomeço) de mundo*. São Paulo: Editora Mercuryo, 2000.

WINKIND, Yves. *Os momentos e os seus homens*. Lisboa: Editora Relógio D'água, 1999.

\_\_\_\_\_. Erving Goffman: o que é uma vida? In: GASTALDO, Édison (org) *Erving Goffman - desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.